

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM KENNETH ANGER
2 de Novembro de 2023**

FIREWORKS / 1947

Realização, Argumento e Montagem: Kenneth Anger / Operador de Câmara: Chester Kessler / Interpretação: Kenneth Anger (o sonhador), Gordon Gray e Bill Seltzer (marinheiros).

Cópia: 16mm, cor e preto e branco, sem diálogos / Duração: 14 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

RABBIT'S MOON / 1950

Um filme de Kenneth Anger

Argumento e montagem: Kenneth Anger / Directores de Fotografia (16 mm, preto & branco com acréscimo de cor): Kenneth Anger e Oleg Tourjansky / Música: Andy Arthur/ Interpretação: André Soubeyran (Pierrot), Claude Revenant (Arlequim), Nadine Valence (Colombina).

Produção: Puck Film Productions, com a colaboração de Pierre Braunberger e da Cinemateca Francesa / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm (suporte original) sem diálogos / Duração: 16 minutos.

AVISO: a cópia de RABBIT MOON que apresentamos é a da versão original do filme. Em 1979, Kenneth Anger estabeleceu uma versão de 7 minutos.

INAUGURATION OF THE PLEASURE DOME / 1954

Realização, Argumento e Montagem: Kenneth Anger / Música: Leos Janacek / Interpretação: Samson DeBrier (Shiva, Osíris, o Anticristo), Marjorie Cameron (a Mulher Escarlate, Kali), Katy Kadell (Isis) Renata Druks (Lilith), Anaïs Nin (Astarte), Paul Mathiesen (Pan), Curtis Harrington (Cesare, o sonâmbulo), Kenneth Anger (Hécate), Peter Druks (Ganimedes).

Cópia: 16mm, colorida, sem diálogos / Duração: 38 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

FIREWORKS e INAUGURATION OF THE PLEASURE DOME

Vamos ver, nesta sessão, alguns dos mais célebres títulos de entre a filmografia "clássica" de Kenneth Anger. O primeiro deles, **Fireworks**, foi um filme decisivo para Anger mas não foi o seu primeiro filme. Desde muito jovem que realizava curtas-metragens caseiras, de que hoje, na maior parte, não existe rasto. Em entrevistas, Anger referiu que quase todos esses filmes "prefiguravam" **Fireworks**. Que não terá

sido o seu primeiro filme "profissional", porque foi rodado em circunstâncias tão amadoras (em casa, durante um fim de semana, aproveitando a ausência dos pais – ou assim, pelo menos, reza a lenda) como os anteriores, mas foi provavelmente o seu primeiro filme "adulto", pois Anger, que nasceu em 1927, já tinha vinte anos quando o fez. E conseguiu exibí-lo comercialmente num cinema de Los Angeles, algo que, dada a natureza tão eroticamente carregada do filme, até lhe trouxe complicações com a justiça (mas o tribunal, num veredicto talvez inesperado se pensarmos que se estava em 1947, "limpou" a acusação de "indecência" estipulando que o filme era uma "obra de arte"). Mais importante do que isto, contudo, foi a presença de **Fireworks** na edição de 1949 do célebre Festival de Cinema Maldito de Biarritz, em França. Foi lá que a sua poesia, "simultaneamente arcaica e moderna" (repescando uma observação de Olivier Assayas no seu livro, edição dos Cahiers du Cinéma, sobre o cineasta), conquistou a atenção de Jean Cocteau, que convenceu Anger a mudar-se para Paris, onde veio a encontrar (por exemplo na Cinemateca Francesa, junto de Henri Langlois e de Mary Meerson) todos os estímulos necessários para o desenvolvimento da sua obra.

Se **Fireworks**, visto hoje, espanta pela sua simplicidade e pela sua poesia despojada, pelo seu homoerotismo franco, de um onirismo quase naif, certamente "adolescente", percebe-se que alguma se passou entre o momento da sua realização e 1954 e **Inauguration of the Pleasure Dome** (Anger realizou quatro filmes nesse intervalo, três dos quais poderão ser vistos na sessão de dia 7). Neste filme Anger "inaugurava" uma série de temas, questões, recorrências, que se continuariam a manifestar ao longo do seu trabalho – como bem se vê nos outros filmes que compõem o programa de hoje, especialmente em **Invocation of My Demon Brother** e **Lúcifer Rising**. São filmes profundamente ritualísticos, em fusão de mitologias (do "demonismo" ao pré-cristianismo, dos gregos ou dos egípcios), com um apuro pictórico extremamente cuidado, oscilando entre a liberdade do sonho, do simbolismo e da "pura poesia", e as poderosíssimas presenças dos corpos e dos objectos que as representam. É um cinema da "cerimónia", seja a cerimónia uma "inauguração" ou uma "invocação", e como que um pretexto para a actualização do próprio cinema enquanto ritual (donde, o mudo, mas sobretudo o que vem com ele: o "exotismo" da Hollywood dos primórdios, os grandes "frescos" à DeMille, por exemplo, com que as construções visuais de Anger parecem estar sempre a dialogar). Através de filmes como **Inauguration** ou **Invocation**, compreende-se bem a que ponto Anger não pode ser ignorado enquanto "precursor" de outras revisões futuras, e igualmente venenosas, de Hollywood (enquanto, justamente, "mitologia"), seja em Jack Smith, em Andy Warhol ou mesmo – porque não? – em David Lynch.

Luís Miguel Oliveira

"Texto redigido para uma ocasião em que **Fireworks** e **Inauguration of the Pleasure Dome** eram apresentados dentro de um outro conjunto de filmes de Kenneth Anger."

RABBIT'S MOON

Como **Eaux d'Artifice**, **Rabbit's Moon** pertence ao período "europeu" do itinerário de Kenneth Anger. Foi rodado em Paris, no ainda hoje existente cinema Panthéon que fechava durante o mês de Agosto e foi transformado em cenário para o filme. Este ilustra a veia onírica e delicada do cinema de Anger, muito diferente da veia fetichista

ou demonológica de alguns dos seus filmes posteriores. Além de um inegável - e de certo modo inevitável - ponto de confluência com o trabalho de Jean Cocteau, também paira sobre este filme, de modo ténue, a sombra do grande ancestral do *cinema mágico*, do cinema da fantasia e do sonho, Georges Méliès.

No seu excelente ensaio sobre Kenneth Anger, publicado em 1999, Olivier Assayas assinala com agudeza a filiação de Kenneth Anger ao cinema mudo americano, onde o espectador pode ver outras coisas através e além daquilo que é mostrado. Esta filiação ao cinema mudo é sublinhada pelo facto de todos os filmes de Anger serem mudos, mais exactamente sem diálogos, sendo-lhes sobreposta uma rica banda musical, que raramente é composta por música especialmente feita para o filme em questão. Grande montador (quando se pensa que em inícios dos anos 50 Henri Langlois quis confiar-lhe a montagem/reconstituição de **Que Viva México!**,...) e por conseguinte mestre do ritmo, Anger faz da música que insere nos seus filmes (clássica, de variedades, rock) um elemento da montagem. Ao evocar a experiência de Anger em criança num breve papel em **Midsummer's Night Dream**, de Max Reinhardt, Assayas assinala o que esta experiência poderá ter tido de crucial para ele: *"o essencial já está presente, o mundo mágico e a capacidade do cinema - aos olhos de uma criança - de restituir a alma deste mundo; a possibilidade, quando os pontos de referência do mundo ainda não se fixaram, de perder-se no sonho (...) que parece mais verdadeiro do que o real. Não me refiro ao cinema em geral mas a este filme em particular, mais exactamente ao mundo fantástico que criava à sua volta e da impressão que podia despertar numa criança (...) e que a leva a para além do cinema das origens (...) ao mundo mágico dos espíritos"*.

Em **Rabbit's Moon**, Anger reata com um género muito anterior ao cinema e que se prolongou no cinema mudo, a pantomima, com os personagens clássicos de Pierrot, Colombina e Arlequim, em contraponto à Lua, que desde sempre tem presença marcante nas religiões e há vários séculos também o tem na literatura. Foi através de Georges Méliès que a Lua "entrou" para o cinema. Os *zooms* sobre a lua no início do filme de Anger podem ser vistos como uma transposição do percurso do foguete do célebre e maravilhoso **Le Voyage sur la Lune** (1902), de Méliès. E há no filme um objeto anterior ao cinema que Arlequim designa a Pierrot de forma imperiosa e que ele desconhece: uma lanterna mágica. É deste aparelho que jorra a imagem de Colombina, num pequeno palco, semelhante a uma versão modernizada das dançarinas de Méliès, embora sem a ironia do mestre de 1900. É a força da Lua, poética, física ou "mágica" que tudo determina: Pierrot quer subir à lua, oferece um raio de lua a Colombina e quando a lua é encoberta por um eclipse, Pierrot cai fulminado. Como a lua, este filme tem duas faces, uma visível, a bela e aprazível pantomima, e uma invisível, que transmite temas mais profundos e ocultos ligados ao trabalho de Kenneth Anger.

AR